

Texto para Discussão

Fundação João Pinheiro

Perfil dos candidatos a prefeito e perfil dos prefeitos eleitos: estudo evolutivo das eleições realizadas no período entre 2000 e 2016

Cláudia Júlia Guimarães Horta

Belo Horizonte, setembro de 2017

TEXTO PARA DISCUSSÃO 5

Perfil dos candidatos a prefeito e perfil dos prefeitos eleitos: estudo evolutivo das eleições realizadas no período entre 2000 e 2016

Cláudia Júlia Guimarães Horta

Belo Horizonte
Julho 2017

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
GOVERNADOR
Fernando Damata Pimentel
SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E
GESTÃO
SECRETÁRIO

Helvécio Miranda Magalhães Júnior

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Presidente

Roberto do Nascimento Rodrigues

Vice-Presidente

Daniel Lisbeni Marra Fonseca

Diretoria de Estatística e Informações

Junia Santa Rosa

Diretoria de Políticas Públicas

Ana Paula Salej Gomes

Diretoria de Cultura, Turismo e Economia Criativa

Bernardo da Mata Machado

Diretoria de Informação Territorial e Geoplataformas

Daniel Lisbeni Marra Fonseca

Diretoria de Planejamento, Gestão e Finanças

Josiane Vidal Vimieiro

Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho

Letícia Godinho de Souza

Assessoria de Comunicação Social

Assessora-chefe

Olívia Bittencourt

Assessoria de Gestão do Conhecimento

Elisa Maria Pinto Rocha

FICHA TÉCNICA

Coordenação

Elisa Maria Pinto Rocha

Mauro Araújo Câmara

Raphaella Aragão Vieira

Preparação de originais

Ana Paula da Silva

Marília Andrade Ayres Frade

Capa

Bárbara Andrade

TEXTO PARA DISCUSSÃO

São textos que visam divulgar trabalhos preliminares desenvolvidos pela FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). Possuem o objetivo de compartilhar ideias e obter comentários, críticas e sugestões refletindo exclusivamente a opinião dos autores.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Alameda das Acácias, 70 – Bairro São Luiz – Pampulha
Belo Horizonte – Minas Gerais
CEP 31275.150

Telefones: (31) 3448-9580 e 3448-9561

www.fjp.mg.gov.br - e-mail: comunicacao@fjp.mg.gov.br

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.fjp.mg.gov.br>>

F981p Fundação João Pinheiro. Escola de Governo Paulo Neves de Carvalho

Perfil dos candidatos a prefeito e perfil dos prefeitos eleitos: estudo evolutivo das eleições realizadas no período entre 2000 e 2016 / Fundação João Pinheiro. Escola de Governo Paulo Neves de Carvalho ; elaboração Cláudia Júlia Guimarães Horta. – Belo Horizonte, 2017.

31p. : il. (Texto para discussão. Fundação João Pinheiro ; n. 5)

1. Previsão eleitoral. 2. Prefeitos – Eleições. 3. Eleições municipais. I. Horta, Cláudia Júlia Guimarães. II. Título.

CDU 352.075.31"2000/2016"

RESUMO

O estudo tem como objetivo identificar os atributos sociais e profissionais que ajudariam a explicar o perfil dos vitoriosos nas eleições para prefeito no período de 2000 a 2016 e avaliar, dessa forma, o impacto desses atributos no sucesso eleitoral. A pesquisa classifica-se como de natureza exploratório-descritiva. Foram utilizados os dados básicos provenientes dos relatórios eleitorais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). De forma geral, pode-se dizer que relativamente as probabilidades de sucesso eleitoral calculadas conjuntamente observou-se que sexo, idade e ocupação foram características preponderantes nas eleições para as prefeituras em praticamente todas as eleições analisadas.

Palavras-chave: Eleições. Eleições municipais. Chance eleitoral. Atributos eleitorais. Perfil dos prefeitos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	ANÁLISE DO PERFIL DOS PREFEITOS ELEITOS: ESTUDO EVOLUTIVO DAS ELEIÇÕES REALIZADAS NO PERÍODO ENTRE 2000 E 2012.....	9
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
4	PROBABILIDADE DE SUCESSO ELEITORAL SEGUNDO ATRIBUTOS SOCIAIS E PROFISSIONAIS.....	16
4.1	Brasil	16
4.2	Norte.....	19
4.3	Nordeste.....	21
4.4	Sudeste	23
4.5	Sul.....	25
4.6	Centro-Oeste.....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O presente texto para discussão é parte do relatório de pesquisa “Perfil dos candidatos a prefeito e perfil dos prefeitos eleitos: estudo evolutivo das eleições realizadas no período entre 2000 e 2010” Projeto 24553, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), através do EDITAL 03/2016 - Bolsa de incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico, destinada a servidor público estadual e integra a temática desenvolvida no projeto CSA - APQ-02829-14, intitulado “Análise do perfil dos prefeitos eleitos e dos eleitores brasileiros: estudo evolutivo das eleições realizadas no período entre 2000 e 2012”, aprovado no “Edital 01/2014 - Demanda Universal” e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e ora em execução pela Fundação João Pinheiro (FJP).

Tais pesquisas se justificam pela evidente relevância dos municípios na administração pública nacional nos últimos anos. Em 1998, por exemplo, os municípios respondiam por 19% da folha de pagamento de todos os servidores públicos ativos no Brasil, por 39% das aquisições de bens e serviços e cerca de metade da formação bruta de capital fixo dos governos (AFONSO; ARAÚJO, 2000).

Mais ainda, Afonso e Araújo (2000) apontam que o crescimento da receita dos municípios após a Constituição de 1988 não se deve apenas ao aumento das transferências federais e estaduais. Os autores consideram que a modernização fazendária acompanhada pela melhoria dos sistemas de avaliação do valor das propriedades imobiliárias e pelo crescimento dos serviços à frente da indústria e do comércio, explicariam os resultados positivos observados para os municípios de grande porte. Por outro lado, nas cidades de pequeno porte e de regiões muito pobres, o incremento da arrecadação tende a ser explicado pela simples regulamentação e início de cobrança de impostos e taxas.

É importante esclarecer que a elevação do município à condição de ente federativo tem sido analisada sob diferentes prismas. Da perspectiva política, tratava-se de um processo de redemocratização das estruturas de poder, de modo a transferir até a esfera local de governo as políticas sociais, onde elas poderiam ser melhor submetidas ao controle social (ARRETCHE, 2000; HOLFMEISTER, 2001; FLEURY, 2006).

Santos (2011) chama atenção para o fato de que a conquista de maior autonomia financeira pelos municípios a partir da Constituição Federal de 1988 não pode ser igualmente experimentada por todos os municípios brasileiros, mas apenas pelos municípios com os maiores volumes populacionais. Os resultados obtidos do estudo apontam para uma associação entre maior autonomia municipal e tamanho da população.

A autora conclui que os municípios de pequeno porte dependem das receitas de transferências redistributivistas (Fundo de Participação dos Municípios - FPM), o que limita sua experiência de descentralização à condição apenas de membros de redes federativas, mas não como formuladores e financiadores de políticas próprias, de interesse local (SANTOS, 2011). A forte dependência decorre da limitada capacidade contributiva da população dos municípios de pequeno porte.

Seja sob a ótica dos economistas, seja sob a ótica da política, a figura do chefe do Poder Executivo Municipal, o prefeito, emerge como importante elemento no cenário político nacional.

Além disso, dentre os cargos eletivos, o prefeito ocupa a posição de maior proximidade com a população. A centralidade do cargo o coloca em evidência para todas as demandas locais. Afinal, as cidades são a primeira base do desenvolvimento nacional. É no nível local que a vida acontece, onde são gozadas as oportunidades de trabalho e lazer, onde ocorre o exercício mais imediato da cidadania, a difusão da cultura e educação etc. E, para todas essas demandas, o prefeito é cogitado, aumentando sobremaneira sua responsabilidade perante a população em direta proporção com o risco de desgaste político ante o insucesso no atendimento das expectativas locais.

Demonstra-se o quão relevante são as figuras dos municípios e dos prefeitos no cenário nacional. Daí a relevância de estudo que averigue o perfil desses gestores, traçando série histórica para se identificar o perfil dos candidatos a prefeito e o perfil dos prefeitos, dos eleitores e se o sucesso eleitoral estaria associado a atributos sociais e profissionais.

Ao se apurar a evolução do perfil dos deputados estaduais e distritais eleitos no período entre 1998 e 2010, a partir das informações demográficas (sexo e idade), e sociais (grau de instrução e ocupação), por exemplo, observou-se perfil predominante caracterizado por deputados do sexo masculino, idade média entre 45 e 48 anos, nível de escolaridade superior completo e ocupação declarada como “membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas, gerentes” (Fundação João Pinheiro [FJP], 2013a e Fundação João Pinheiro [FJP], 2013b).

Constata-se, pois, que, a despeito dos critérios objetivos expressos no texto constitucional que garantem a todos os cidadãos os requisitos à investidura em cargos políticos eletivos no Brasil, barreiras invisíveis se interpõem a determinados segmentos sociais, limitando suas chances de sucesso eleitoral em detrimento de um perfil de candidaturas que têm se mostrado hegemônicas (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2013b). Verifica-se, portanto, um conjunto de mecanismos institucionais e padrões sociais distintos que se reproduzem em desigualdades políticas.

Analisando a composição, segundo cor/raça, dos candidatos a deputado estadual no Brasil para as eleições de 2014 e eleitos, vis à vis às características étnico/raciais da sociedade brasileira Dufloth *et al.* (2016) observaram que as assimetrias de acesso ao poder político parecem se confirmar quando se verifica que as chances de sucesso dos candidatos variam em escala significativa segundo o critério de cor/raça, de tal forma que mesmo para um crescimento substancial na proporção de candidaturas de pretos, pardos, amarelos e indígenas não corresponderia um crescimento proporcional no número de eleitos o processo eleitoral tem revelado uma curiosa defasagem nos percentuais de sucesso alcançados por negros, pardos e indígenas, em detrimento das chances de sucesso expressivamente maiores no caso de candidatos (as) brancos, de tal forma que à igualdade formal expressa na carta magna se contrapõe uma nítida e persistente desigualdade objetiva nas chances de acesso às instâncias de poder político (DUFLOTH *et. al*, 2016, p. 66).

Na literatura acadêmica contemporânea, muitas são as análises sobre variáveis sociais e profissionais entre vitoriosos ocupantes de cargos políticos. Alguns autores que desenvolveram estudos nessa temática seriam também: Coradini (2011); Costa (2010); Lemos e Ranincheski (2002); Messenberg (2008); Neiva e Izumi (2012); Rodrigues (2002, 2006); Santos (1997); Silva (2010). Entretanto, análises dos candidatos são encontradas em menor número (ARAÚJO, 2005, 2009; BRAGA; VEIGA; MÍRIADE, 2009; CORADINI, 2011; PERISSINOTTO; MIRÍADE, 2009) principalmente quando contrapondo candidatos versus eleitos, condicionalidades do processo eleitoral.

Diversas são as condições que podem determinar as probabilidades de êxito de candidatos nas eleições. Estudos sobre recrutamento político dos partidos nem sempre são capazes de investigar, analisar e isolar “o” fator preponderante.

Buscando responder a pergunta: quais são os fatores que mais afetaram as chances de sucesso eleitoral dos candidatos a prefeito nas disputas municipais de 2012 no Brasil; Codato, Cervi e Perissionotto (2013) buscaram medir o potencial explicativo de capital econômico, dos atributos sociais e profissionais e das estratégias e recursos políticos dos aspirantes à função municipal. Quais seriam os impactos que fatores de tipos diversos têm sobre as possibilidades de um pretendente vir a ser eleito?

Na avaliação de autores como Felisbino, Bernabel, e Kerbauy (2012), as oportunidades políticas nos pleitos eleitorais teriam uma razão direta com o volume de recursos econômicos empregados. Da mesma forma, tais oportunidades também estariam relacionadas às características demográficas e sociais dos indivíduos de origem social superior, homens, com alta escolaridade, grande patrimônio e filiados a partidos não muito

distantes do centro político convencional tendem a ter quase sempre condições melhores para disputar cargos eletivos com razoável chance de êxito (CODATO; CERVI; PERISSIONOTTO, 2013, p. 62). Utilizando um modelo de regressão logística empregando características econômicas, sociais e políticas, os autores concluem que as variáveis de natureza política foram aquelas que mostraram mais importância na explicação do sucesso eleitoral dos candidatos a prefeito em 2012 para o Brasil.

Como vimos, ser candidato à reeleição, fazer parte de uma coligação partidária e estar na disputa em um partido com alto desempenho são as principais explicações para a aquisição do mandato municipal. A essas se segue a variável que mede a disponibilidade de recursos nas campanhas. Quanto maior a receita do candidato, mais chance ele tem de ser eleito. Já as variáveis de caráter social tiveram menor poder explicativo, na eleição de 2012. Registre-se também que mulheres e candidatos mais velhos, independentemente do sexo, tiveram menos chances de vitória (CODATO; CERVI; PERISSIONOTTO, 2013, p. 79).

Diante de tais constatações pergunta-se: quais seriam os fatores que mais afetaram as chances de sucesso eleitoral dos candidatos a prefeito nas disputas municipais que poderiam determinar os padrões observados? Considerando diferentes atributos sociais e profissionais dos candidatos, quais seriam os impactos (probabilidades) que esses fatores teriam sobre as possibilidades de um candidato vir a ser eleito? Os diferenciais encontrados no perfil dos eleitos estariam associados a diferentes perfis de candidatos? As probabilidades de eleição se mantiveram ao longo do tempo?

Dessa forma, o objetivo do presente estudo é buscar identificar os atributos sociais e profissionais que ajudariam a explicar o perfil dos vitoriosos nas eleições para prefeito no período de 2000 a 2016 e avaliar o impacto desses atributos no sucesso eleitoral.

Este texto para discussão encontra-se dividido em cinco seções, incluindo essa introdução. Na seção 2, são apresentados de forma sintética alguns resultados do projeto “Análise do perfil dos prefeitos eleitos e dos eleitores brasileiros: estudo evolutivo das eleições realizadas no período entre 2000 e 2012” referentes ao perfil dos prefeitos eleitos¹. Em seguida, a seção 3 apresenta uma descrição da pesquisa, a base de dados utilizada e os procedimentos metodológicos empregados no estudo. Na sequência, a seção 4 apresenta os resultados e análises das probabilidades de sucesso eleitoral segundo atributos sociais e profissionais, dividido em seis partes: inicialmente, para todas as prefeituras brasileiras e, em seguida, para cada uma das grandes regiões separadamente. Finalmente, na seção 5, são sintetizados os principais achados do estudo.

¹ Os resultados referem-se às eleições de 2000, 2004, 2008 e 2012. Foram incorporados ao presente texto para discussão os resultados da eleição de 2016.

2 ANÁLISE DO PERFIL DOS PREFEITOS ELEITOS: ESTUDO EVOLUTIVO DAS ELEIÇÕES REALIZADAS NO PERÍODO ENTRE 2000 E 2012

Resultados do projeto “Análise do perfil dos prefeitos eleitos e dos eleitores brasileiros: estudo evolutivo das eleições realizadas no período entre 2000 e 2012” apresentados em FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (2017) apontam a sub-representação das mulheres nas prefeituras brasileiras, a despeito do percentual de prefeitas eleitas ter aumentado continuamente entre 2000 e 2012. Informações dos censos demográficos de 2000 e 2010 mostram que pouco mais da metade da população brasileira é composta por mulheres, enquanto que nas prefeituras esse percentual é bem menos significativo. No ano 2000, 5,7% dos prefeitos eleitos eram do sexo feminino. Como mostra a Tabela 1, nas três eleições seguintes esse percentual cresce gradativamente chegando em 2012 a 11,8%, ou seja, pouco mais do que o dobro num período de quatro eleições, entretanto, como pontuado anteriormente, em patamar ainda reduzido (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2017). Na eleição de 2016, o percentual praticamente não se altera. Dentre os eleitos, as mulheres representavam 11,6%.

Tabela 1: Distribuição relativa dos prefeitos eleitos, segundo sexo – Brasil – 2000-2016

Sexo	2000	2004	2008	2012	2016
Homens	94,3	92,6	90,6	88,2	88,4
Mulheres	5,7	7,4	9,4	11,8	11,6

Fonte: Dados básicos: 2000 a 2012: FJP (2017); 2016: a autora, a partir de dados do TSE.
Elaboração da autora.

Observam-se diferenciais expressivos quando analisados segundo as cinco grandes regiões brasileiras. Ao longo das cinco eleições, chama atenção os mais elevados percentuais de prefeitas eleitas nas regiões Nordeste e Norte, nessa ordem, comparativamente às demais. Se em 2000, representavam 8,3% e 7,6% do total dos prefeitos, em 2016, passaram a representar 16,0% e 14,7%, respectivamente. A região Centro-Oeste encontrava-se num patamar intermediário, sendo que nessa última eleição representou 12,5% dos eleitos. Sudeste e Sul, por outro lado, são aquelas com os menores percentuais (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2017). Nessas regiões, em 2016, apenas 8,8% e 7,2%, respectivamente, dos prefeitos eleitos eram mulheres.

De forma geral, pode-se dizer que, ao longo das eleições, esse percentual vem aumentando sistematicamente em todas as regiões, com algumas poucas exceções. Entre

2000 e 2014, aumentou em todas as regiões, com exceção do Centro-Oeste entre 2004 e 2008. Chama atenção, o fato de que o percentual de mulheres eleitas aumentou com maior intensidade naquelas regiões que apresentavam os menores percentuais, ou seja, diminuíram os diferenciais entre elas (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2017). Na última eleição, o Nordeste manteve patamar praticamente constante, ainda destacadamente com o maior percentual de mulheres eleitas, 16,0%. Sudeste e Sul, por outro lado, tiveram redução desses percentuais, chegando a 8,8% e 7,2%, respectivamente.

No que diz respeito à idade dos prefeitos eleitos, os resultados das eleições de 2000 a 2016 evidenciam padrão etário característico. A Tabela 2 mostra concentração nos grupos etários de 40 a 54 anos, perfazendo mais da metade deles entre 2000 e 2012, e praticamente a metade em 2016. Destaca-se que, nas últimas três eleições, esse percentual vem se reduzindo. Nos demais grupos etários, os prefeitos eleitos com 55 anos ou mais apresentaram um percentual superior àqueles com menos de 40 anos (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2017). Na eleição de 2016, 49,8% dos prefeitos eleitos tinham idade entre 40 e 54 anos. Para os demais, 21,0% encontravam-se entre 20 e 39 anos, enquanto que 29,2% tinham 55 anos ou mais.

Não obstante os diferenciais, em Fundação João Pinheiro. (2017) fica claro que, em termos de nível, observados na distribuição etária dos prefeitos eleitos segundo as cinco grandes regiões brasileiras, os resultados evidenciam padrão muito similar à média nacional. De forma geral, elevada concentração de prefeitos no grupo de 40 a 54 anos, entretanto, chama atenção o fato de que a participação desse grupo etário vem diminuindo desde a eleição de 2012 e, conseqüentemente, os grupos mais jovens (20 a 39 anos) e mais velhos (55 anos e mais) aumentando sua representação.

Tabela 2: Distribuição relativa dos prefeitos eleitos segundo grupos etários – Brasil – 2000-2016

Ano	Grupos etários		
	20 a 39	40 a 54	55 e mais
2000	18,8	58,0	23,2
2004	20,0	57,1	22,9
2008	17,1	58,9	24,0
2012	19,9	53,8	26,2
2016	21,0	49,8	29,2

Fonte: Dados básicos: 2000 a 2012: FJP. (2017); 2016: a autora, a partir de dados do TSE
Elaboração da autora.

Relativamente ao nível de escolaridade dos prefeitos eleitos, Fundação João Pinheiro (2017) chama atenção para dois pontos. Primeiro, aumento gradativo do percentual daqueles com curso superior completo (doravante denominado apenas curso superior) e predominância dos mesmos na eleição de 2012, comparativamente aos demais (TABELA 3). Dos prefeitos eleitos em 2000, 38,7% declararam possuir curso superior, passando para 49,2% no ano de 2012. Informações da eleição de 2016 apontam que nesse ano mais da metade dos eleitos tinham superior completo (52,6%). Desta forma, poder-se-ia apontar a elevada proporção de prefeitos eleitos com curso superior indicando que pessoas com baixo grau de instrução têm menor representatividade como prefeito eleito.

Tabela 3: Distribuição relativa dos prefeitos eleitos segundo nível de escolaridade – Brasil – 2000-2016

Ano	Nível de escolaridade							Total
	Lê e escreve	1º grau incompleto	1º grau completo	2º grau incompleto	2º grau completo	Superior incompleto	Superior completo	
2000	2,0	13,5	10,0	5,1	23,6	7,0	38,7	100,0
2004	1,7	11,9	7,5	4,3	26,4	7,0	41,2	100,0
2008	1,0	9,4	7,3	3,9	27,0	6,8	44,6	100,0
2012	0,8	7,1	6,5	2,9	27,5	6,0	49,2	100,0
2016	0,8	6,2	6,5	2,5	25,7	5,7	52,6	100,0

Fonte: Dados básicos: 2000 a 2012: Horta et al. (2017); 2016: a autora, a partir de dados do TSE.
Elaboração da autora.

O padrão de escolaridade observado na média nacional dos prefeitos eleitos se reproduz nas cinco grandes regiões brasileiras, entretanto em patamares distintos e variações diferenciadas ao longo das eleições segundo FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (2017). O estudo apontou que já na eleição de 2000, observaram-se elevados percentuais de prefeitos que declararam ter curso superior, com destaque para as regiões Sudeste e Nordeste. Mais ainda, que entre as eleições de 2000 e 2012, esses percentuais aumentaram em todas as eleições e regiões, contudo com maior intensidade na região Norte, acompanhada pelas regiões Sul e Centro-Oeste – não coincidentemente as três regiões com os menores percentuais em 2000. Apesar do aumento observado, a região Norte é aquela com o menor percentual de prefeitos com curso superior em todas as eleições: 25,0% em 2000 e 40,2% em 2012. No outro extremo, a região Sudeste com os maiores percentuais: 44,0% em 2000 e 51,5% em 2012 – nessa última eleição acompanhada também pela região Sul com 51,7%.

Os resultados da eleição de 2016 mostram que o percentual de prefeitos eleitos com curso superior aumentou em todas as regiões do País e que Sudeste, Sul e Nordeste

continuam como regiões com os maiores percentuais, 54,0%, 53,0% e 53,6%, respectivamente. Na sequência, Centro-Oeste e Nordeste, com 49,2% e 46,8%.

Finalmente, a análise das ocupações declaradas pelos prefeitos eleitos nas eleições de 2000 a 2016 evidencia importantes mudanças quando analisadas segundo categorias ou grupos ocupacionais ao longo dos anos em questão (TABELA 4).

No que se refere à ocupação declarada pelos prefeitos eleitos no total do país, os “profissionais das ciências e das artes” apresentaram participação expressiva, entretanto, com redução ao longo desse período. Conforme mostra a Tabela 4, no ano de 2000, esse grupo representava o maior percentual dos eleitos, 28,3%, passando para 25,5% da totalidade em 2012. Nessa última eleição, representa ainda percentual importante, entretanto, deixando de caracterizar-se como principal conjunto de ocupações. O subgrupo “profissionais das ciências biológicas, da saúde e afins” destaca-se na composição do referido grupo em todas as eleições analisadas apresentando também redução do seu percentual (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2017).

Tabela 4: Distribuição relativa dos prefeitos eleitos segundo ocupação – Brasil – 2000-2016

Especificação	2000	2004	2008	2012	2016
GRUPO 0 - Forças Armadas, policiais e bombeiros militares	0,3	0,2	0,1	0,1	0,2
GRUPO 1 - Membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas e gerentes	22,0	26,4	43,9	41,5	42,0
Membros superiores e dirigentes do poder público	5,8	7,4	26,6	22,3	21,0
Dirigentes de empresas e organizações	2,3	7,3	9,0	12,5	15,0
Gerentes, comerciantes e empresários	0,1	11,6	8,1	6,6	5,9
GRUPO 2 - Profissionais das ciências e das artes	28,3	30,3	25,6	25,5	25,6
GRUPO 3 - Técnicos de nível médio	3,2	3,9	3,4	2,8	2,2
GRUPO 4 - Trabalhadores de serviços administrativos	0,2	0,5	0,7	0,9	0,8
GRUPO 5 - Trabalhadores de serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	14,4	1,3	1,4	1,0	1,2
GRUPO 6 - Trabalhadores agropecuários, florestais, da caça e pesca	16,9	16,0	12,6	11,2	11,2
Produtores na exploração agropecuária	10,3	16,0	12,3	10,9	11,0
GRUPO 7 - Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	0,2	0,0	0,1	0,1	0,2
GRUPO 8 - Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
GRUPO 9 - Trabalhadores de manutenção e reparação	0,3	0,0	0,0	0,0	0,2
GRUPO 10 - Servidores Públicos	6,3	8,0	5,8	8,5	7,6
GRUPO 11 - Aposentados	3,1	2,6	1,8	2,5	3,2
GRUPO 12 - Outras Categorias	2,8	2,0	1,7	1,4	1,0
GRUPO 13 - Não informado	4,5	2,4	0,0	0,0	0,0
GRUPO 999 - Outros	11,0	6,3	2,8	4,4	4,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados básicos: 2000 a 2012: Fundação João Pinheiro. (2017); 2016: a autora, a partir de dados do TSE. Elaboração da autora.

Fundação João Pinheiro (2017) aponta que desde 2008, os “profissionais das ciências e das artes” deixaram a posição de principal ocupação dando lugar aos “membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse político e de empresas e gerentes”. Chama atenção para a relevância de tal fato, tanto pelo significativo crescimento da participação desse último grupo ocupacional ao longo das quatro eleições quanto pela importância relativa. Esse percentual praticamente dobra, passando de 22,0% em 2000 para 41,5% em 2012. Mais ainda, especificamente sobre esse grupo, os resultados apontam elevada participação do subgrupo “membros superiores e dirigentes do poder público” na composição dos prefeitos eleitos e uma trajetória ascendente. Se em 2000 representavam apenas 5,9% do total de eleitos, chegou em 2012 a 22,3%. Na sua quase totalidade declararam ter como ocupação “prefeito” ou “vereador”, o que os situa como pertencentes a uma “carreira política”, sendo reeleitos no mesmo cargo ou eleitos em outros cargos políticos. Além desse subgrupo, também os “dirigentes de empresas e organizações” vem apresentando participação crescente, apesar de estabelecerem patamares inferiores. Em 2000, representavam 2,3% passando para 12,5% em 2012.

Dois outros grupos merecem observação, apesar de assumirem melhor importância relativa, segundo estudo elaborado por Fundação João Pinheiro(2017). Primeiramente, o grupo dos “trabalhadores agropecuários, florestais, da caça e pesca” que em 2000 representavam 16,9% dos prefeitos eleitos, passando para 11,2% em 2012, sendo que esses se compunham basicamente de “produtores na exploração agropecuária”. Tal grupo apresentou representatividade proporcional decrescente no período analisado. Na sequência, o grupo dos “servidores públicos” apresentando variações de representação ao longo das eleições, alcançando na eleição de 2012 8,5% do total dos prefeitos eleitos, assumindo uma representatividade relativa crescente nesse período. Ressalta-se que os quatro grupos destacados acima representavam a grande maioria das ocupações declaradas pelos prefeitos eleitos – 73,7% em 2000 e 86,8% em 2012.

Na eleição de 2016, o perfil ocupacional permaneceu praticamente o mesmo, estabelecendo apenas variações nos percentuais. Destaque ainda para os “membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse político e de empresas e gerentes” com representação de 42,0% dos eleitos, sendo que aqueles pertencentes a uma “carreira política” representavam 21,0% do total dos eleitos. Chama atenção, ainda, o aumento da representação do subgrupo “dirigentes de empresas e organizações” que perfaziam 15,0% dos eleitos.

No estudo desenvolvido por Fundação João Pinheiro(2017), os pesquisadores apontam que o padrão observado no perfil ocupacional dos prefeitos eleitos em nível nacional se reproduz também regionalmente, de maneira bastante similar, entretanto, com algumas especificidades.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa classifica-se como de natureza exploratório-descritiva, quanto ao tipo de abordagem. Foram utilizados os dados básicos provenientes dos relatórios eleitorais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O repositório de dados eleitorais, disponibilizado em formato de arquivo de dados, permitiu selecionar e analisar as variáveis de interesse específico do estudo. Foram analisadas informações para todos os municípios brasileiros e para as cinco grandes regiões.

De forma a analisar comparativamente as condições determinantes de sucesso nas eleições para prefeito no Brasil de 2000 a 2016, o estudo analisa o universo de candidatos a prefeito e prefeitos eleitos, com base na metodologia aqui detalhada.

Com o objetivo de avaliar os efeitos e a força de todos os atributos sociais e profissionais em conjunto, empregou-se o método de regressão logística a fim de se entender quais das variáveis independentes (atributos) seriam mais relevantes para a vitória de um candidato a prefeito. A metodologia consistiu na utilização da análise estatística empregando variáveis codificadas nos moldes *dummy* (variáveis binárias que assumem valor 0 = não ocorrência e 1 = sim ocorrência).

A função de uma regressão logística é indicar uma probabilidade de ocorrência de determinado fato dada a mudança de uma característica independente. Aqui, o fato é ser ou não eleito prefeito municipal e os atributos são as variáveis independentes: sexo, idade, grau de instrução e ocupação.

Assim, os resultados de uma regressão logística expressam a probabilidade de ocorrência de valores preditos de uma variável dicotômica (sim/não). No caso, os valores são 0 = não eleito ou 1 = eleito. Por exemplo, tomando-se o atributo “sexo do candidato” em relação à variável dependente, o resultado será interpretado em termos de intensidade: o quanto aumentam ou diminuem as chances de eleição do candidato quando os candidatos forem do sexo feminino ou do sexo masculino (ou seja, passar de 0 para 1 nessa variável).

Os atributos considerados no estudo foram:

a) Sexo: mensurar se os homens têm chances maiores ou menores de se elegerem prefeitos. Determinar se, e quantificar o quanto, ser homem influenciou na eleição ou na não eleição para prefeito. Ser homem teria qual peso nos resultados da disputa às prefeituras brasileiras? A variável binária utilizada foi 1 para homens e 0 para mulheres.

b) Idade: verificar se a idade do candidato tem algum impacto nas chances de eleição. Estudos prévios mostraram que uma proporção importante de prefeitos eleitos tinha idade entre 40 e 54 anos, conjunto que será atribuído a denominação “adultos”. A variável binária representará o contraponto entre o grupo “adultos” e a soma dos demais candidatos,

quais sejam: os “jovens” de 20 a 39 anos e os “mais velhos” com 55 anos ou mais. Essa variável assumirá o valor 1 para o conjunto de “adultos”.

c) Escolaridade: mensurar o impacto do maior ou menor nível de instrução nos resultados das eleições. A variável binária foi construída levando-se em conta se o candidato possuía ou não nível superior completo, sendo 1 para os casos afirmativos e 0 para os demais níveis de escolaridade.

d) Carreira política: medir as chances do candidato pertencente à carreira política (reeleição, ou trajetória política pregressa). Incluem-se os candidatos que declararam ocupações classificadas no subgrupo “membros superiores e dirigentes do poder público”. Os resultados apresentados por Fundação João Pinheiro(2017), como destacado na seção 2 do presente Texto para Discussão, apontaram significativa representatividade desses nas prefeituras brasileiras. Destaca-se que, na maioria, tais candidatos declararam-se prefeitos (outros poucos vereadores, deputados etc.). A variável binária assumiu valor 1 para aqueles candidatos pertencentes ao referido subgrupo e 0 para as demais ocupações.

4 PROBABILIDADE DE SUCESSO ELEITORAL SEGUNDO ATRIBUTOS SOCIAIS E PROFISSIONAIS

Nesta seção, são apresentados os resultados das regressões logísticas que têm como objetivo indicar uma probabilidade de ocorrência de determinado fato dada a mudança de uma característica independente em cada uma das eleições em questão. No presente estudo, como descrito anteriormente, analisa-se se o fato de ser ou não eleito prefeito (variável dependente) depende, e, em que medida/intensidade, dos atributos sociais e profissionais (variáveis independentes).

Com o objetivo de avaliar os efeitos e a força das variáveis explicativas conjuntamente, buscando verificar sua relevância para a vitória de um candidato a prefeito, são apresentados, a seguir, os resultados das regressões logísticas. Foram consideradas apenas àquelas variáveis que apresentaram significância estatística, observada pelo valor da estatística p (menor ou igual a 0,05). A análise se baseará nas razões de chance calculadas a partir da $\exp(\beta)$. O valor dessa estatística indica a intensidade da probabilidade de ser eleito prefeito e o sinal indica a sua direção, ou seja, se existe maior ou menor chance de eleição segundo cada uma das características analisadas. Dessa forma, para os resultados da eleição de 2000, as quatro variáveis analisadas foram consideradas como explicativas do sucesso eleitoral. Para 2004, a variável idade entre 40 e 54 anos foi descartada enquanto associada, enquanto que em 2008 e 2012 a variável escolaridade não foi estatisticamente significativa. Por fim, no ano de 2016, duas variáveis foram desconsideradas: idade entre 40 e 54 anos e escolaridade.

4.1 Brasil

Na eleição de 2000, ser homem ou ter idade entre 45 e 54 anos ou ser da “carreira política” aumentava significativamente as chances de ser eleito prefeito. Os resultados da Tabela 5 mostram que um candidato do sexo masculino tinha 57,9% mais chance de ser eleito do que uma candidata do sexo feminino. Significativa também a vantagem daqueles candidatos pertencentes às “carreiras políticas”. Esses tinham 47,9% mais chance de vitória comparativamente aos demais. Ter idade entre 45 e 54 anos também determinava maior chance nas eleições, apesar de num patamar inferior (19,3% maior que os demais candidatos). Por fim, o nível de escolaridade dos candidatos, no qual ter curso superior completo diminuía as chances de ser eleito prefeito.

Tabela 5: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Brasil – 2000

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	0,457	43,806	0,000	1,58	57,89
Idade entre 40 e 54 anos	0,176	26,105	0,000	1,19	19,28
Escolaridade	-0,124	12,467	0,000	0,88	-11,67
Carreira política	0,391	24,924	0,000	1,48	47,90
Constante	-1,025	205,488	0,000	0,36	-64,12

Elaboração da a autora.

Os resultados da eleição de 2004, apresentados na Tabela 6, mostram que o sexo, a escolaridade e ocupação dos candidatos a prefeito contribuíram de forma importante para a eleição dos prefeitos. Em relação às razões de chance, destaca-se a importância da ocupação do candidato, sendo que pertencer à “carreira política” determinou uma chance de vitória 62,4% maior que para os demais. Na sequência, o sexo do candidato se apresentou como característica determinante, pois ser do sexo masculino aumentou em 49,9% a chance de ser eleito comparativamente às candidatas mulheres. Mais uma vez, nessa eleição, se constatou que ter escolaridade superior não aumentava a chance de ser eleito prefeito, na verdade, a chance foi 7,2% menor.

Tabela 6: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Brasil – 2004

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	0,405	41,904	0,000	1,499	49,87
Idade entre 40 e 54 anos	0,056	2,634	0,105	1,057	5,75
Escolaridade	-0,075	4,666	0,031	0,928	-7,23
Carreira política	0,485	47,294	0,000	1,624	62,37
Constante	-0,985	221,188	0,000	0,373	-62,66

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.

Elaboração da autora.

Na eleição de 2008, chama atenção a importância de pertencer à “carreira política” nas chances de ser eleito prefeito. Os candidatos classificados nessa categoria tiveram 139,8% mais chance de se elegerem prefeitos comparativamente aos demais candidatos. Mais uma vez e na sequência, ser do sexo masculino aumentou em 41,0% a chance de eleição comparativamente ao sexo feminino. Nesse ano, a variável idade mostrou-se estatisticamente significativa, sendo que candidatos com idade entre 45 e 54 anos tiveram

maior chance na eleição, 29,1% maior que os demais candidatos. A variável escolaridade a partir dessa eleição deixa de ter impacto para a explicação da eleição de prefeitos.

Tabela 7: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Brasil – 2008

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	0,344	36,616	0,000	1,410	41,00
Idade entre 40 e 54 anos	0,255	53,528	0,000	1,291	29,10
Escolaridade	0,034	0,937	0,333	1,034	3,40
Carreira política	0,875	405,351	0,000	2,398	139,80
Constante	-1,141	338,178	0,000	0,320	-68,00

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

As mesmas três variáveis: sexo, idade e “carreira política”, continuaram respondendo pela maior chance de eleição em 2012 (TABELA 8). Destaque, novamente, para aqueles candidatos que pertenciam à “carreira política”. Pertencer a essa categoria aumentou em 58,5% a chance de eleição comparativamente aos demais candidatos. Também significativo e determinante na eleição foi o sexo do candidato. Mais uma vez, ser do sexo masculino aumentou em 25,0% a chance de eleição comparativamente às mulheres. Por fim, também a idade do candidato determinava vantagens. Aqueles com idade entre 45 e 54 anos tiveram 9,0% mais chance de serem eleitos.

Tabela 8: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Brasil – 2012

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	0,223	19,120	0,000	1,250	25,02
Idade entre 40 e 54 anos	0,086	6,480	0,011	1,090	8,97
Escolaridade	0,040	1,374	0,241	1,041	4,06
Carreira política	0,461	116,515	0,000	1,585	58,52
Constante	-0,925	266,982	0,000	0,397	-60,33

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Na última eleição para prefeito, observa-se consolidação dos atributos sexo e ocupação nas chances eleitorais dos candidatos. Nesse ano, apenas as duas variáveis foram estatisticamente significativas. Candidatos que pertenciam à “carreira política” tiveram

28,1% maior chance de eleição que os demais candidatos e ser do sexo masculino aumentou em 24,5% (TABELA 9).

Tabela 9: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Brasil – 2016

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	0,219	18,302	0,000	1,245	24,49
Idade entre 40 e 54 anos	0,018	0,306	0,580	1,019	1,86
Escolaridade	0,043	1,600	0,206	1,044	4,36
Carreira política	0,248	34,903	0,000	1,281	28,12
Constante	-0,911	254,270	0,000	0,402	-59,79

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

4.2 Norte

Interessante observar que os resultados para a região Norte mostram que ter sucesso ou não nas eleições municipais estava associado apenas a variável “carreira política” na eleição de 2008, quando o candidato pertencente a esse grupo ocupacional teve 94,9% mais chances de sucesso que os demais e a variável idade entre 40 e 54 anos na eleição de 2012, que estabeleceu chance de eleição 46,2% maior comparativamente aos candidatos mais jovens ou mais velhos (TABELAS 10 a 14).

Tabela 10: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Norte – 2000

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,486	3,378	,066	1,627	62,65
Idade entre 40 e 54 anos	-,113	,773	,379	,893	-10,71
Escolaridade	-,113	,702	,402	,893	-10,70
Carreira política	,291	1,243	,265	1,338	33,79
Constante	-,905	11,320	,001	,405	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 11: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Norte – 2004

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,149	,733	,392	1,161	16,09
Idade entre 40 e 54 anos	-,005	,002	,965	,995	-0,48
Escolaridade	,110	,887	,346	1,116	11,63
Carreira política	,051	,055	,814	1,053	5,26
Constante	-,825	20,195	,000	,438	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.

Elaboração da autora.

Tabela 12: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Norte -2008

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,129	,667	,414	1,138	13,81
Idade entre 40 e 54 anos	,202	3,541	,060	1,224	22,38
Escolaridade	-,204	3,293	,070	,816	-18,42
Carreira política	,667	26,439	,000	1,949	94,92
Constante	-,957	31,328	,000	,384	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.

Elaboração da autora.

Tabela 13: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Norte – 2012

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,048	,176	,675	1,049	4,94
Idade entre 40 e 54 anos	,380	7,986	,005	1,462	46,22
Escolaridade	-,056	,231	,631	,945	-5,48
Carreira política	,220	1,782	,182	1,246	24,61
Constante	-1,069	34,364	,000	,344	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.

Elaboração da autora.

Tabela 14: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Norte – 2016

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	-,139	,769	,381	,870	-12,98
Idade entre 40 e 54 anos	-,127	1,271	,260	,881	-11,89
Escolaridade	-,037	,103	,748	,964	-3,59
Carreira política	-,051	,136	,712	,950	-4,97
Constante	-,773	57,012	,000	,462	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

4.3 Nordeste

Para a região Nordeste, as variáveis independentes sexo, idade entre 40 e 54 anos e “carreira política” encontravam-se associadas a maior ou menor possibilidade de eleição dos candidatos às prefeituras. Entretanto, as Tabelas 15 a 19, apontam que sua significância estatística não foi verificada em todas as eleições. No que se refere ao sexo dos candidatos, é interessante observar que ser homem ou mulher resultou significativas chances de ser eleito ou não. Nas eleições de 2004 e 2008 estavam em vantagem os candidatos do sexo masculino, com redução entre as duas eleições – 30,3% e 20,2% maior que para as mulheres. Na eleição de 2016, os candidatos do sexo feminino passam a apresentar maior chance comparativamente aos homens. Nesse caso, esses tiveram 18,3% menos chance que as mulheres.

Candidatos com idade entre 40 e 54 anos tiveram maior chance de vitória comparativamente aos demais nas eleições de 2000, 2008 e 2012. Nas duas primeiras, representou pouco mais de 28,0% maior, aumentando para 65,9% em 2012.

Chamam atenção as chances associadas ao fato de pertencer ou não a “carreira política”. Esses tiveram maiores chances comparativamente às outras variáveis em todas as eleições. Observa-se que essa foi crescente entre 2000 e 2008, quando se constatou que pertencer a “carreira política” determinou 174,7% mais chance de vitória comparativamente aos demais. Na eleição de 2012, deixou de ser significativa retornando em 2016, com chance de 36,2%.

A variável escolaridade superior foi significativa apenas na eleição de 2016, onde ter curso superior representou 13,1% mais chance de vitória.

Tabela 15: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Nordeste – 2000

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,171	2,462	,117	1,186	18,60
Idade entre 40 e 54 anos	,249	17,116	,000	1,283	28,29
Escolaridade	-,020	,101	,750	,981	-1,93
Carreira política	,365	6,493	,011	1,440	44,02
Constante	-,793	49,226	,000	,452	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 16: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Nordeste – 2004

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,265	7,254	,007	1,303	30,29
Idade entre 40 e 54 anos	-,048	,593	,441	,953	-4,71
Escolaridade	-,061	,917	,338	,941	-5,89
Carreira política	,612	19,897	,000	1,843	84,33
Constante	-,764	54,616	,000	,466	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Tabela 17: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Nordeste – 2008

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,184	4,090	,043	1,202	20,19
Idade entre 40 e 54 anos	,251	15,931	,000	1,286	28,58
Escolaridade	,003	,002	,963	1,003	0,30
Carreira política	1,010	149,308	,000	2,747	174,65
Constante	-,982	96,836	,000	,375	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Tabela 18: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Nordeste – 2012

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,008	,020	,889	1,008	0,84
Idade entre 40 e 54 anos	,506	42,343	,000	1,659	65,93
Escolaridade	,026	,191	,662	1,027	2,65
Carreira política	,035	,193	,661	1,036	3,60
Constante	-,700	61,860	,000	,497	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Tabela 19: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Nordeste – 2016

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	-,201	6,320	,012	,818	-18,25
Idade entre 40 e 54 anos	,060	1,003	,317	1,061	6,15
Escolaridade	,123	4,149	,042	1,131	13,08
Carreira política	,309	16,929	,000	1,362	36,17
Constante	-,692	152,388	,000	,501	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

4.4 Sudeste

Os resultados para a região Sudeste destacam as variáveis sexo, idade entre 40 e 54 anos e “carreira política” como associadas às chances de sucesso nas eleições para prefeito em todas as eleições, com exceção apenas para o sexo em 2012 e idade em 2016. Candidatos do sexo masculino nas eleições de 2000 a 2004 tinham significativas chances de eleição comparativamente às mulheres – variável mais determinantes nessas eleições – 93,4% e 105,0% maior, respectivamente. Na eleição de 2008, esse valor reduz, mas permanece importante – 49,4%. Entretanto, na eleição de 2016, a exemplo do Nordeste, inverte as chances em favor das mulheres candidatas. Nessa, candidatos do sexo masculino tiveram 21,6% menos chances de eleição comparativamente às candidatas mulheres.

A variável idade entre 40 e 54 anos é representativa nas eleições de 2000 a 2012, com valores crescentes, variando de 14,3% a 48,1%. Como mencionado, ser da “carreira política” determinou sobremaneira as chances de eleição para prefeito, com destaque para a eleição de 2008, quando pertencer a essa carreira aumentou em 151,6% as chances de ser eleito. Nas eleições de 2012 e 2016, permanece ainda significativa, entretanto, reduz a chance de eleição.

Tabela 20: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sudeste – 2000

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,660	25,886	,000	1,934	93,42
Idade entre 40 e 54 anos	,134	4,797	,029	1,143	14,31
Escolaridade	-,097	2,508	,113	,907	-9,27
Carreira política	,441	9,638	,002	1,554	55,44
Constante	-1,238	84,375	,000	,290	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Tabela 21: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sudeste – 2004

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,718	30,356	,000	2,050	105,03
Idade entre 40 e 54 anos	,128	4,303	,038	1,137	13,66
Escolaridade	-,040	,417	,519	,961	-3,90
Carreira política	,353	7,893	,005	1,423	42,28
Constante	-1,429	106,923	,000	,240	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 22: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sudeste – 2008

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,402	12,440	,000	1,494	49,44
Idade entre 40 e 54 anos	,291	21,358	,000	1,338	33,84
Escolaridade	,096	2,311	,128	1,100	10,04
Carreira política	,923	144,775	,000	2,516	151,63
Constante	-1,328	113,930	,000	,265	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 23: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sudeste – 2012

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,067	1,224	,269	1,069	6,94
Idade entre 40 e 54 anos	,392	25,442	,000	1,481	48,06
Escolaridade	,018	,085	,770	1,018	1,80
Carreira política	,363	13,147	,000	1,437	43,70
Constante	-1,113	100,919	,000	,329	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 24: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sudeste – 2016

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	-,243	5,587	,018	,784	-21,56
Idade entre 40 e 54 anos	,015	,066	,797	1,015	1,55
Escolaridade	-,009	,023	,879	,991	-0,92
Carreira política	,215	7,788	,005	1,240	23,98
Constante	-,778	195,987	,000	,459	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

4.5 Sul

O sexo dos candidatos e a ocupação são variáveis determinísticas das chances de eleição para as prefeituras da região Sul em todas as eleições aqui analisadas. Ser homem estabelecia maior chance de vitória comparativamente a ser mulher entre 2000 e 2012, sendo extremamente significativa na primeira eleição (126,4% maior), apresentando variações para baixo e para cima, até 2012 (25,4% maior). Acompanhando Nordeste e Sudeste também no Sul, as mulheres passaram a ter maiores chances comparativamente aos homens na eleição de 2016, sendo esse ainda mais importante.

Ter idade entre 40 e 54 anos representava maiores chances nas eleições de 2000, 2008 e 2012 e ter curso superior menores chances nas eleições de 2000 e 2004.

No que diz respeito à ocupação, candidatos que pertenciam à “carreira política” tiveram maior chance de sucesso em todas as cinco eleições. Em 2008, observou-se o maior valor, em que pertencer a esse grupo representou 150,4% mais chance de vitória comparativamente aos demais candidatos. Nas eleições seguintes, esse valor diminuiu para 48,2% e 41,7%.

Tabela 25: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sul – 2000

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,817	17,124	,000	2,264	126,41
Idade entre 40 e 54 anos	,261	11,112	,001	1,299	29,88
Escolaridade	-,301	14,419	,000	,740	-25,97
Carreira política	,433	7,199	,007	1,542	54,20
Constante	-1,350	44,015	,000	,259	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 26: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sul – 2004

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,483	7,414	,006	1,620	62,03
Idade entre 40 e 54 anos	,076	,973	,324	1,078	7,85
Escolaridade	-,195	6,334	,012	,823	-17,68
Carreira política	,754	20,826	,000	2,126	112,63
Constante	-,936	25,274	,000	,392	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 27: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sul – 2008

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,653	18,705	,000	1,922	92,15
Idade entre 40 e 54 anos	,207	6,896	,009	1,231	23,06
Escolaridade	,096	1,501	,221	1,101	10,06
Carreira política	,918	87,438	,000	2,504	150,44
Constante	-1,291	62,563	,000	,275	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Tabela 28: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sul – 2012

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,226	8,535	,003	1,254	25,36
Idade entre 40 e 54 anos	,694	51,687	,000	2,002	100,22
Escolaridade	,114	2,169	,141	1,120	12,03
Carreira política	,393	8,556	,003	1,482	48,19
Constante	-1,041	49,571	,000	,353	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 29: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Sul – 2016

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	-,444	10,333	,001	,642	-35,82
Idade entre 40 e 54 anos	,053	,500	,480	1,054	5,41
Escolaridade	,057	,575	,448	1,059	5,91
Carreira política	,349	13,145	,000	1,417	41,70
Constante	-,545	62,547	,000	,580	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

4.6 Centro-Oeste

Na região Centro-Oeste, os resultados apontam que nas eleições de 2000, 2004 e 2008 ser candidato do sexo masculino aumentava significativamente a chance de ser eleito prefeito (59,5%; 54,3% e 89,5%, respectivamente). Pertencer à “carreira política” também se mostrou como diferencial nas eleições de 2004, 2008 e 2016, estabelecendo maiores chances de vitória. Entretanto, esse valor apresentou redução ao longo das eleições,

passando de 77,9% em 2004 para 35,6% em 2016. A variável idade entre 40 e 54 anos e escolaridade mostra-se significativas apenas em 2008 e 2000, respectivamente. Especificamente no caso da segunda, ter curso superior estabeleceu chance menor de eleição.

Tabela 30: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Centro-Oeste – 2000

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,467	4,753	,029	1,595	59,51
Idade entre 40 e 54 anos	,095	,616	,433	1,099	9,92
Escolaridade	-,221	2,841	,092	,802	-19,84
Carreira política	,319	1,052	,305	1,375	37,52
Constante	-1,005	20,725	,000	,366	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora

Tabela 31: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Centro-Oeste – 2004

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,434	4,302	,038	1,543	54,29
Idade entre 40 e 54 anos	,156	1,642	,200	1,169	16,89
Escolaridade	-,049	,157	,692	,952	-4,75
Carreira política	,576	7,354	,007	1,778	77,85
Constante	-1,049	21,324	,000	,350	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Tabela 32: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Centro-Oeste – 2008

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,639	9,577	,002	1,895	89,54
Idade entre 40 e 54 anos	,257	4,192	,041	1,293	29,29
Escolaridade	,025	,041	,839	1,025	2,55
Carreira política	,491	10,841	,001	1,634	63,45
Constante	-1,283	32,150	,000	,277	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Tabela 33: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Centro-Oeste – 2012

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,132	1,218	,270	1,141	14,06
Idade entre 40 e 54 anos	,126	,759	,384	1,134	13,43
Escolaridade	,041	,119	,730	1,042	4,17
Carreira política	,243	1,835	,176	1,275	27,48
Constante	-,862	17,930	,000	,422	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

Tabela 34: Coeficientes da regressão logística para ser ou não eleito prefeito – Centro-Oeste – 2016

Especificação	B	Wald	Sig.	Exp(B)	Chance
Sexo	,023	,017	,897	1,024	2,36
Idade entre 40 e 54 anos	-,070	,352	,553	,933	-6,74
Escolaridade	-,018	,023	,879	,982	-1,79
Carreira política	,304	5,003	,025	1,356	35,55
Constante	-,598	30,458	,000	,550	

Fonte: Dados básicos: Tribunal Superior Eleitoral.
Elaboração da autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativamente às probabilidades de sucesso eleitoral calculadas conjuntamente e testadas estatisticamente através da regressão logística, observou-se que sexo, idade e ocupação foram características preponderantes nas eleições para as prefeituras em praticamente todas as eleições analisadas.

Ser candidato homem representou vantagens eleitorais comparativamente às mulheres nas eleições de 2000 a 2016, entretanto, com valores decrescentes ao longo das mesmas. Em 2000, para o Brasil como um todo, candidatos do sexo masculino tinham chance de vencer mais de duas vezes maior do que a chance em 2016. Os resultados, segundo as grandes regiões, apontam que tal fato se deve a inversão de chances ocorridas na eleição de 2016 no Nordeste, Sudeste e Sul, quando as mulheres passaram a apresentar maiores chances de eleição.

Com relação à idade, verificou-se que ter idade entre 40 e 54 anos representou vantagens nas eleições de 2000, 2008 e 2012 na média brasileira. O mesmo foi observado para Nordeste e Sul.

Chama atenção dois fatos. Primeiro, que a variável referente à escolaridade dos candidatos teve associação estatisticamente significativa apenas nas eleições de 2000 e 2004 no Brasil e no Sudeste, no Centro-Oeste em 2000 e no Nordeste em 2016, sendo que tanto na média brasileira como no Sudeste apontaram que candidatos que tinham curso superior tiveram probabilidade de sucesso inferior aqueles que não tinham. E, segundo, o fato de que na região Norte, de modo geral, não foi encontrada associação entre as características dos candidatos e a chance de se eleger prefeito.

Finalmente, pertencer à “carreira política” indiscutivelmente estabeleceu maiores chances de eleição dos candidatos comparativamente àqueles que declararam outras ocupações. Conjuntamente com o atributo sexo, respondem mais significativamente e frequentemente nos resultados. Apesar de estar apresentando menores probabilidades de sucesso nas três últimas eleições ainda tem significância como atributo para explicar o sucesso nas eleições às prefeituras. Nas regiões Sudeste e Sul, mostrou-se significativa nas cinco eleições analisadas, nas regiões Nordeste e Centro-Oeste com exceção de 2012 para a primeira e 2000 e 2012 para a segunda. Além desse subgrupo, chama atenção também o subgrupo “dirigentes de empresas e organizações” que vem tomando vulto ao longo das eleições analisadas e o subgrupo “produtores na exploração agropecuária” que repetidamente nas eleições entre 2000 e 2016 apresentou probabilidade de sucesso elevada.

REFERÊNCIAS

AFONSO, J. R. R.; ARAÚJO, E. A. A capacidade de gasto dos municípios brasileiros: arrecadação própria e receita disponível. **Cadernos de Finanças Públicas**, Brasília, ano I, n.1, dez. 2000.

ARAÚJO, C. Gênero e acesso ao poder legislativo no Brasil: as cotas entre as instituições e a cultura. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 2, p. 23-59, 2009.

ARAÚJO, C. Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. **Revista de Sociologia e Política**, n. 24, p. 193-215, 2005.

ARRETCHE, Marta T. S. **Estado federativo e políticas sociais**: determinantes da descentralização. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

BRAGA, M. DO S. S.; VEIGA, L. F.; MÍRIADE, A. Recrutamento e perfil dos candidatos e dos eleitos à Câmara dos Deputados nas eleições de 2006. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 70, p. 123-186, 2009.

CODATO, A., CERVI, E.U.; PERISSIONOTTO, R.M. Quem se elege prefeito no Brasil? Condicionantes do sucesso eleitoral em 2012. **Cadernos Adenauer**, v.14. n.2, p.61-84, 2013

CORADINI, O. L. Representação política e de interesses: bases associativas dos deputados federais de 1999-2007. **Sociedade e Estado**, v. 26, n. 1, p. 197-220, 2011.

COSTA, L. D. **Os representantes dos estados no Congresso**: composição social e carreira política dos Senadores brasileiros. Campinas - SP: Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, 2010.

DUFLOTH, S. C *et al.* Diversidade e representação política no Brasil: uma análise étnico-racial de candidatos eleitos para as assembleias legislativas nas eleições de 2014. **Revista Sodebras**, v.11, n.122, p. 62-67, fev. 2016.

FELISBINO, R. A.; BERNABEL, R. T.; KERBAUY, M. T. M. Somente um deve vencer: as bases de recrutamento dos candidatos à prefeitura das capitais brasileiras em 2008. **Revista de Sociologia e Política**, v.21, n.41, p. 219-234, fev. 2012.

FLEURY, S. (Org.). **Democracia, descentralização e desenvolvimento**: Brasil e Espanha. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Análise do perfil dos representantes eleitos nas assembleias legislativas brasileiras**. Belo Horizonte, 2013a. (Texto para Discussão, 2).

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Análise do perfil dos representantes eleitos nas assembleias legislativas entre 1998 e 2010 na perspectiva das macrorregiões brasileiras**. Belo Horizonte, 2013b. (Texto para Discussão, 3). Disponível em: <<http://www.eg.fjp.mg.gov.br/index.php/docman/publicacoes-2013/57-analise-do-perfil-dos-representantes-eleitos-nas-assembleias-legislativas-entre-1998-e-2010-na-perspectiva-das-macrorregioes-brasileiras-novo-siteeg/file>, 2013 > Acesso em: jul. 2017.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Perfil dos prefeitos eleitos nos municípios brasileiros**: estudo evolutivo das eleições realizadas no período entre 2000 e 2012. Belo Horizonte,

2017. (Texto para Discussão, 4). Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/docman/texto-para-discussao/703-td-no4-claudia-horta/file>>. Acesso em: maio de 2017.

HOFMEISTER, Wilhelm; CARNEIRO, José Mário Brasiliense (Org.). *Federalismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001. (Série Debates, v. I, n. 22).

LEMONS, L. B. DE S.; RANINCHESKI, S. O perfil sociopolítico dos senadores brasileiros. *Senatus*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 33-39, 2002.

MESSEMBERG, D. A elite parlamentar brasileira: um recorte sociocultural. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 17-28, jun. 2008.

NEIVA, P.; IZUMI, M. Os “doutores” da federação: formação acadêmica dos senadores brasileiros e variáveis associadas. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 21, n. 41, p. 171-192, fev. 2012.

PERISSINOTTO, R. M.; MIRÍADE, A. Caminhos para o parlamento: candidatos e eleitos nas eleições para deputado federal em 2006. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 301-333, jun. 2009.

RODRIGUES, L. M. **Mudanças na classe política brasileira**. São Paulo: Publifolha, 2006.

RODRIGUES, L. M. **Partidos, ideologia e composição social**: um estudo das bancadas partidárias na câmara dos deputados. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, A. M. DOS. Nas fronteiras do campo político: raposas e *outsiders* no Congresso Nacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 33, p. 87-101, fev. 1997.

SANTOS, A. M. S. P. Federalismo no Brasil: uma abordagem da perspectiva dos Municípios, *Revista de Direito da Cidade*, Rio de Janeiro, v.3, n. 1, p. 95-123, 2011.

SILVA, R. S. DA. **Senado**: casa de senhores? : os perfis de carreira dos senadores eleitos entre 1990 e 2006. (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.